

O fenômeno *Reborn* como simulacro do cuidado infantil: implicações para a constituição do sujeito, da alteridade e das relações com o outro

The *Reborn* phenomenon as a simulacrum of childcare: implications for the constitution of the subject, alterity, and relations with the other

El fenómeno *Reborn* como simulacro del cuidado infantil: implicaciones para la constitución del sujeto, la alteridad y las relaciones con el otro

DOI: 10.54901/educa.v9-527

Aumeri Carlos Bampi¹
Margeli Cristiana Brand²

RESUMO: Este estudo problematiza o fenômeno *reborn* como expressão do simulacro do cuidado infantil na sociedade brasileira contemporânea. A análise fundamenta-se em contribuições de pensadores da cultura contemporânea, com especial destaque para o conceito de *hiper-realidade*, entendido como condição que favorece a produção de simulacros e a construção de representações idealizadas, assépticas e artificializadas da infância. Nessa perspectiva, a ocorrência dos bebês *reborn* revela aspectos de uma realidade cultural marcada pelo esvaziamento simbólico das relações e pela intensificação de experiências mediadas por representações artificiais. Tal manifestação social suscita questionamentos acerca das dimensões relacionais, dialógicas e de alteridade que constituem a experiência humana, uma vez que as práticas de cuidado dirigidas aos bebês *reborn* se estabelecem de forma unilateral, tendo como objeto figuras inanimadas que apenas reproduzem a aparência da vida. Embora possa ser compreendido como uma atividade aparentemente inofensiva e capaz de proporcionar satisfação emocional a adolescentes, jovens e adultos, essa tendência também evidencia tensões éticas características da contemporaneidade. Nesse sentido, ultrapassa os limites do jogo, da brincadeira ou do colecionismo, ao expressar processos de mercantilização dos afetos e de substituição das relações humanas por vínculos imaginários mediados pelo consumo. Assim, o cuidado, o afeto e a própria experiência relacional tendem a ser convertidos em produtos simbólicos, inseridos na lógica de mercado que caracteriza as sociedades capitalistas contemporâneas.

Palavras-chave: moda *Reborn*; simulacro; afeto; cuidado infantil; infância.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é refletir sobre as transformações contemporâneas das práticas de cuidado infantil, com especial atenção ao fenômeno cultural e midiático dos bebês *reborn* atualmente em expansão no Brasil e quiçá em outros países. Tal ocorrência envolve a criação,

¹ Pós-doutor em Filosofia, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, Brasil.

E-mail: aumeri@unemat.br

² Especialista em Psicologia, Secretaria Municipal de Saúde – Sinop, Clínica Promater, Sinop, Mato Grosso, Brasil.

E-mail: aumeri@unemat.br

aquisição e a simulação de relações de cuidado dirigidas a bonecos para reproduzir, com elevado grau de realismo, a aparência física de bebês humanos.

Segundo a Revista Forbes (2025), o termo *reborn* (renascido) originou-se nos Estados Unidos nos anos 1990, no âmbito de comunidades de colecionadores e artistas especializados na customização de bonecas. Entretanto, a utilização de bonecas como objetos lúdicos, simbólicos ou representacionais antecede em muito o surgimento desse fenômeno. Evidências arqueológicas indicam que artefatos semelhantes estiveram presentes em diversas civilizações desde a Antiguidade. De acordo com o Museu de Arte de Harvard (2025), há registros da utilização de bonecas desde o século V a.C., confeccionadas com materiais como terracota, madeira, louça e metais, sendo encontradas em diversas sociedades ao longo da história.

No contexto contemporâneo, os avanços tecnológicos e a ampliação da disponibilidade de materiais derivados da indústria petroquímica possibilitaram novas formas de produção. Dentre os materiais mais utilizados, destaca-se o vinil, especialmente o policloreto de vinila (PVC), cuja flexibilidade, resistência e capacidade de moldagem permitem a elaboração de peças altamente detalhadas. Associadas a técnicas sofisticadas de pintura e acabamento, essas características favorecem a produção de bonecos capazes de reproduzir (com elevado grau de fidelidade) traços físicos de recém-nascidos, como textura da pele, veias aparentes, expressões faciais e tonalidades corporais.

A partir da década de 1990, os bonecos com alta resolução imagética passaram a alcançar níveis crescentes de realismo estético. Embora a maior parte das produções permanecesse vinculada à representação de recém-nascidos, surgiram também modelos que reproduziam outras fases da infância, ampliando as possibilidades de personalização e identificação afetiva por parte dos consumidores.

Nos Estados Unidos, ainda na fase inicial de difusão, os bebês *reborn* estiveram associados tanto a finalidades artísticas quanto terapêuticas. Em determinados contextos, foram utilizados por mulheres que vivenciavam processos de luto decorrentes de perdas gestacionais ou que enfrentavam limitações relacionadas à maternidade biológica. Paralelamente, consolidaram-se como objetos de colecionismo e expressão artística, caracterizados pelo elevado refinamento técnico e estético (Forbes, 2025).

Com a intensificação da globalização econômica e cultural a partir dos anos 2000, o mercado *reborn* expandiu-se para diversos países. Esse processo foi favorecido pela crescente disseminação da internet, pela criação de fóruns especializados, pela realização de feiras temáticas, lojas físicas e pela ampliação do comércio eletrônico. Como resultado, uma prática

inicialmente restrita a grupos específicos passou a integrar circuitos mais amplos de consumo e sociabilidade.

A popularização das redes sociais digitais conferiu novo impulso ao fenômeno. Plataformas de compartilhamento de vídeos, imagens e conteúdos especializados contribuíram para ampliar sua visibilidade e alcance, favorecendo a formação de comunidades virtuais dedicadas à produção, comercialização e exibição dos bonecos. Dessa forma, os bebês *reborn* deixaram de constituir um nicho de colecionadores para se transformar em um fenômeno cultural de alcance internacional, fortemente articulado às dinâmicas das sociedades contemporâneas de consumo.

No Brasil, a visibilidade do fenômeno tornou-se mais expressiva a partir da segunda década do século XXI. A circulação de vídeos em redes sociais, a participação em feiras de artesanato e a atuação de lojas especializadas contribuíram para ampliar o interesse do público. Difundiram-se estratégias de comercialização que recorriam a expressões como “adoção” dos bonecos, mobilizando simbolicamente práticas associadas à maternidade, ao cuidado e ao vínculo afetivo.

Nos anos seguintes, a difusão midiática por meio das redes sociais e da atuação de influenciadores digitais (*influencers*) constituiu um dos principais fatores para sua expansão contemporânea, processo articulado a interesses econômicos que movimentam um mercado de expressiva relevância financeira (Forbes, 2025). Destarte, a moda evoluiu de um nicho artesanal para se consolidar como um segmento da denominada economia afetiva, envolvendo artistas, terapeutas, influenciadores digitais e consumidores que projetam nos bonecos expectativas, desejos e experiências emocionais variadas.

Sua crescente popularização, entretanto, revela aspectos mais amplos da dramaticidade e da desorientação ética da cultura adulta contemporânea. O fenômeno pode ser interpretado como sintoma de processos sociais relacionados à estetização do cuidado, à fragilização das experiências de alteridade e à mercantilização dos afetos. O vínculo simbólico estabelecido com os bebês *reborn* tende a deslocar a experiência relacional para objetos idealizados e controláveis, em contraste com a complexidade, a imprevisibilidade e as demandas inerentes às relações humanas concretas, especialmente aquelas que envolvem o cuidado de crianças reais.

Cumprе destacar que esse fenômeno distingue-se das brincadeiras infantis tradicionais com bonecas. Nas experiências lúdicas da infância, as bonecas frequentemente constituem instrumentos de imaginação, socialização e construção simbólica, permitindo que a criança elabore papéis sociais, afetivos e familiares. No universo *reborn* contemporâneo, por sua vez, observa-se a emergência de práticas desenvolvidas predominantemente por adolescentes,

jovens e adultos, nas quais a simulação do cuidado adquire significados emocionais, identitários e mercadológicos mais complexos.

Como ponto de partida analítico, este texto parte da teoria da hiper-realidade, proposta por Jean Baudrillard, articulando-a com contribuições da pedagogia crítica e da filosofia da educação para investigar os impactos simbólicos, culturais e formativos associados ao fenômeno. Complementarmente, são mobilizadas reflexões de Maurice Merleau-Ponty, Walter Benjamin, Byung-Chul Han, Eva Illouz, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Martin Buber, Timothy Ingold, Paulo Freire e Nel Noddings. Embora esses autores não tenham tratado diretamente desse fenômeno, suas contribuições oferecem importantes referenciais interpretativos para compreender questões relacionadas à corporeidade, à experiência da alteridade, à crise contemporânea do cuidado, à economia emocional dos afetos e aos processos de objetificação das relações humanas.

Por fim, reconhece-se que a presente reflexão possui caráter exploratório e não pretende esgotar a complexidade do tema. Ao contrário, busca oferecer subsídios iniciais para o debate acadêmico, indicando possibilidades analíticas e questões que demandam investigações futuras mais aprofundadas acerca das relações entre consumo, subjetividade, cuidado infantil e cultura na contemporaneidade.

2 A HIPER-REALIDADE COMO CONDIÇÃO CULTURAL CONTEMPORÂNEA

Para Jean Baudrillard (1991), a *hiper-realidade* corresponde ao estágio em que o simulacro não apenas representa o real, mas o substitui, constituindo sistemas autônomos de significação, capazes de substituir a própria experiência do real. Logo, os signos passam a circular independentemente de seus referentes originais, produzindo uma realidade simulada que tende a ser percebida como mais acessível, desejável ou satisfatória do que a concreta.

Sob essa perspectiva, os bebês *reborn* são mais que ingênuos brinquedos. O aspecto central da análise do objeto material reside nas representações simbólicas que lhes são atribuídas, particularmente aquelas relacionadas à infância, ao cuidado, à maternidade e à paternidade. Inseridos em um mercado orientado pela valorização do hiper-realismo, da customização e da performatividade afetiva, esses objetos passam a operar como suportes para projeções emocionais e imaginárias que extrapolam sua materialidade.

Ao oferecer um substituto figurativo (objeto material) para a experiência da parentalidade ou do vínculo cuidadoso ao mundo adulto, a cultura *reborn* aproxima-se da lógica do hiper-real descrita por Baudrillard. O que se observa não é simplesmente a interação com

um objeto, mas a construção de uma relação simbólica que reproduz aspectos externos da parentalidade sem a presença efetiva da reciprocidade, da autonomia e da alteridade que caracterizam as relações humanas concretas. Nesse sentido, a simulação do vínculo pode tornar-se, para determinados sujeitos, uma experiência afetiva suficientemente significativa para ocupar espaços tradicionalmente associados às relações interpessoais.

Essa interpretação suscita questionamentos acerca das possíveis implicações nas relações pessoais e sociais, que possuem base numa necessária dialética interpessoal, decorrentes da crescente valorização de formas simuladas de afeto. Byung-Chul Han (2012) alerta que vivemos em uma sociedade da positividade e da transparência, onde a alteridade é evitada em prol de experiências suaves, controladas e estetizadas, mas que, mesmo falsas, promovem um alcance sobre a própria humanidade. A experiência do cuidado envolve necessariamente a presença de um outro dotado de autonomia, imprevisibilidade e capacidade de resposta, características ausentes na relação estabelecida com objetos inanimados. O desejo por experiências inteiramente controláveis manifesta-se em diferentes dimensões da vida social, desde os processos de segregação espacial e vigilância até a formação de comunidades homogêneas e bolhas digitais.

À luz dessa reflexão, os bebês *reborn* podem ser interpretados como expressão de uma sensibilidade cultural que privilegia relações desprovidas dos desafios inerentes ao encontro com a alteridade. Dentro da contemporaneidade, a alteridade não útil é evitada, pois o outro é problema (o imigrante ou migrante, o estranho, o vizinho, o diferente, a criança que importuna, o idoso que necessita cuidado), o outro é inimigo (por isso é necessário armar-se, por isso os muros, as fronteiras bloqueadas, as bolhas sociais – reais ou virtuais, os círculos fechados – a condominização da vida). Destarte, o outro tem de ser vigiado (por isso o panóptico da vigilância real com guardas, câmeras físicas e o monitoramento virtual nas redes). Neste contexto, mesmo a alteridade de maior possibilidade de afeto que envolve um novo ser, a criança, passa a ser materializada, objetificada.

2.1 A Estetização e Idealização do Cuidado e a “Educação” do Afeto Simulado

No Brasil, o fenômeno *reborn* mobiliza públicos diversos, incluindo crianças, adolescentes, jovens, adultos em luto, colecionadores e indivíduos que atribuem aos bonecos diferentes significados afetivos e simbólicos. Conforme evidenciado em matérias jornalísticas e nas próprias redes sociais dedicadas ao tema, o vínculo estabelecido com os bebês *reborn* tem ultrapassado o lúdico, ganhando contornos terapêuticos, afetivos, funções associadas ao

conforto emocional, à elaboração de experiências de perda, à construção identitária e à expressão de vínculos afetivos.

O “cuidado” dedicado aos bebês *reborn* envolve um conjunto de rituais, que incluem a aquisição de roupas e acessórios, a organização de ambientes específicos, a realização de passeios e a produção de conteúdos para plataformas digitais. Tais atividades reproduzem simbolicamente rotinas tradicionalmente associadas ao cuidado infantil, contribuindo para a construção de uma experiência de parentalidade simulada. Desenvolve-se o que Andrejevic (2004) expõe como a elaboração do trabalho de ser visto, de ser observado, que demonstra e se manifesta em práticas que simulam o cotidiano de um bebê e de uma maternidade real. Segundo o autor, as sociedades contemporâneas são marcadas pela crescente valorização da visibilidade e pela disposição dos indivíduos em transformar aspectos da vida cotidiana em conteúdos passíveis de observação pública. O vínculo estabelecido com o objeto não se restringe à esfera individual, mas é frequentemente incorporado a circuitos de exposição e reconhecimento social que caracterizam a cultura digital contemporânea.

O vídeo da influenciadora Carol Sweet simulando o “parto” de um bebê *reborn* viralizou nas redes sociais, ultrapassando 3,6 milhões de visualizações. Conhecida por seus conteúdos em estilo ASMR, Carol recriou um nascimento hiper-realista, com direito a bolsa amniótica cenográfica e cordão umbilical. A performance dividiu opiniões, mas destacou uma tendência crescente: os bebês *reborn*, bonecas ultrarrealistas que imitam recém-nascidos (Forbes, 2025, s/p.)

Esse tipo de relação suscita questionamentos acerca das transformações contemporâneas das práticas de cuidado e da própria experiência da alteridade. Nessa circunstância, o cuidado infantil deixa de ser uma resposta ética ao outro (dotado de autonomia, necessidades e capacidade de reciprocidade) passando a ser direcionado a um objeto material cuja existência depende inteiramente da projeção simbólica realizada por seu proprietário. O afeto, por sua vez, tende a assumir uma dimensão performática, frequentemente desvinculada das exigências concretas que caracterizam as relações humanas e os processos formativos associados à responsabilidade pelo outro.

As reflexões de Eva Illouz (2011) contribuem para a compreensão desse fenômeno. Ao analisar a crescente influência do mercado sobre a vida emocional, a autora demonstra como sentimentos, desejos e experiências afetivas passam a ser organizados por lógicas de consumo, visibilidade e autorrealização. Nesse contexto, as emoções não desaparecem, mas são progressivamente reconfiguradas por dispositivos culturais e econômicos que transformam a intimidade em objeto de gestão, investimento e consumo.

Sob essa perspectiva, a cultura *reborn* pode ser compreendida como uma manifestação contemporânea da mercantilização dos afetos. O amor e o afeto passam a ser mediados por objetos produzidos e comercializados em um mercado especializado, transformados em produto cultural a ser encenado e assim como nas revistas, filmes, séries, aplicativos de relacionamento, emergindo também a simulação da maternidade/paternidade. O que está em questão não é a inexistência dos sentimentos envolvidos, mas a forma como eles são simbolicamente organizados e expressos por meio de relações que prescindem da reciprocidade característica dos vínculos humanos.

Illouz (2011) observa que a experiência amorosa contemporânea é marcada por tensões permanentes entre autenticidade e padronização, espontaneidade e racionalização, singularidade e consumo. Embora os indivíduos busquem relações autênticas e significativas, suas experiências afetivas são frequentemente atravessadas por modelos culturais produzidos e difundidos pela indústria do entretenimento, pela publicidade e pelos mercados de consumo emocional. Nesse sentido, a cultura *reborn* pode ser interpretada como uma expressão dessas contradições, ao oferecer formas simbolicamente estruturadas de cuidado e vínculo que reproduzem aspectos da parentalidade sem a presença efetiva de um sujeito autônomo com quem a relação se estabelece.

O fenômeno *reborn* evidencia, igualmente, representações idealizadas da infância no imaginário social hodierno. Em uma sociedade marcada pela intensificação do consumo e pela crescente mediação tecnológica das relações sociais, a infância frequentemente aparece associada a imagens de pureza, inocência e afeto incondicional. Os bebês *reborn* incorporam e materializam parte desse imaginário ao oferecer versões esteticamente aperfeiçoadas e controláveis da experiência infantil. Assim, tende a valorizar representações idealizadas da infância e do cuidado, frequentemente dissociadas das complexidades presentes nas relações humanas concretas.

No que se refere à infância contemporânea, os adultos oferecem às crianças dispositivos tecnológicos e ambientes virtuais na mediação das experiências cotidianas; ou seja, um mundo de objetos esvaziado de relações dialógicas e de amorosidade, e mesmo de precário contato corporal, inserindo-as na virtualidade. Merleau-Ponty (2018) afirma que a relação corporal compreende não apenas o contato com um organismo biológico, mas também um lugar simbólico, social, afetivo, sensorial, político e estético de ser com os outros.

Refletindo sobre as transformações da infância contemporânea, Esteban Levin (2006), em sua obra *Rumo a uma infância virtual: a imagem corporal sem corpo*, há uma virtualização da infância e a desterritorialização do corpo, argumenta que os processos de virtualização

promovem formas de desterritorialização da experiência corporal. Segundo o autor, a infância deixa de estar vinculada ao corpo que toca, experimenta, sofre e erra e passa a ser vinculado ao corpo-imagem, situação de uma infância sem corpo que interfere na construção do esquema corporal e da própria constituição psíquica. Sem dúvida, é um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que os adultos querem corpos-objetos infantis idealizados (*reborn*), as crianças reais são levadas a perder a noção do corpo-mundo, corpo-outro, atravessadas pelas tecnologias digitais.

Esse processo torna-se particularmente evidente na estética dos bebês *reborn*. Em sua maioria, tais representações reproduzem imagens de bebês serenos, limpos, saudáveis e esteticamente idealizados. São, em geral, bebês brancos, ocidentais, calmos (não há choro, fome, sede, dor, desconforto ou impaciência), sempre limpos (não há fraldas sujas, nem resquícios da alimentação), são frágeis e belos, compondo uma estética imaginária absolutamente asseada e asséptica, muito distante da vida real de milhões de crianças brasileiras e do planeta. Não há dor e sofrimento de maternagem como em uma situação real quando uma criança está com problemas de saúde, sem alimentação, com sede, impaciente ou mesmo que chora por ter seus dentes nascendo.

A crescente visibilidade do fenômeno *reborn* tem sido acompanhada por episódios amplamente divulgados pela mídia e pelas redes sociais, incluindo relatos de pessoas que levaram bonecos *reborn* a hospitais, unidades de saúde ou que reivindicaram simbolicamente direitos associados à maternidade, como licenças e atendimentos prioritários. Independentemente da veracidade, frequência ou excepcionalidade desses episódios, sua ampla circulação evidencia a capacidade do fenômeno de mobilizar atenção pública, gerar controvérsias e alimentar dinâmicas de viralização características da cultura digital contemporânea.

Cumprе ressaltar, ainda, que essas práticas diferem das brincadeiras tradicionais com bonecas desenvolvidas durante a infância real. Enquanto o brincar infantil constitui uma atividade lúdica associada à imaginação, à socialização e à elaboração simbólica de papéis sociais, a cultura *reborn* envolve práticas predominantemente realizadas por adolescentes e adultos, articuladas a mercados especializados, comunidades digitais e investimentos afetivos específicos.

Essa dinâmica aproxima-se das reflexões de Walter Benjamin (1984) acerca do empobrecimento da experiência relacional na modernidade. Para o autor, a crescente predominância das imagens, das mercadorias e dos estímulos fragmentados tende a enfraquecer formas mais densas de experiência e transmissão de sentidos humanizadores. À luz dessa interpretação, os bebês *reborn* podem ser compreendidos como uma mercadoria que simula a

infância, mas sem as marcas da experiência humana interativa. O simulacro preserva a aparência, mas elimina grande parte das exigências relacionais presentes na experiência real do cuidado infantil.

A moda *reborn*, portanto, pode ser compreendida como parte de uma economia simbólica dos afetos, na qual o cuidado, a maternidade e determinadas representações da infância tornam-se objetos de consumo e investimento emocional. A infância representada pelos bebês *reborn* aparece frequentemente desvinculada das condições concretas da existência infantil, caracterizando-se por imagens de serenidade, limpeza, beleza e previsibilidade. Trata-se de uma infância idealizada, construída segundo parâmetros estéticos que eliminam ou minimizam elementos como conflito, sofrimento, vulnerabilidade e imprevisibilidade.

2.2 A Dimensão Psíquica e Suas Implicações

A teoria psicanalítica oferece importantes contribuições para a compreensão das dimensões subjetivas envolvidas no fenômeno *reborn*. Para Jacques Lacan (1998), os registros do Imaginário, Simbólico e Real estruturam o sujeito. Sob essa perspectiva, os bebês *reborn* podem ser interpretados como objetos fortemente inscritos no campo do Imaginário, uma vez que se apresentam como imagens idealizadas da infância e do cuidado, trata-se de uma *imago* idealizada do bebê, que não chora, não exige, não falta. Diferentemente do bebê real, marcado pela imprevisibilidade, pela demanda e pela alteridade, o *reborn* configura uma representação cuidadosamente construída, passível de controle e projeção por parte do sujeito.

A partir das contribuições de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, diversos conceitos podem ser mobilizados para interpretar aspectos do fenômeno *reborn* em nossa sociedade. Dentre eles, a partir de Freud (1917) e Lacan (1995), estão os conceitos de luto e melancolia, fetichismo, objeto, fantasia, do eu ideal, recalque, desejo, sublimação, negação, entre outros. Evidentemente, tais categorias não devem ser aplicadas indistintamente aos indivíduos que mantêm vínculos com os bebês *reborn*, mas constituem ferramentas analíticas capazes de iluminar determinadas dimensões subjetivas presentes em alguns contextos específicos.

Em *Luto e melancolia* (1917), Freud analisa o modo como o sujeito reage à perda de um objeto amado. Segundo o autor, o trabalho do luto implica um gradual desligamento libidinal do objeto perdido, permitindo ao sujeito reinvestir sua energia psíquica em novas relações e experiências. A partir dessa perspectiva, pode-se hipotetizar que, em determinadas situações, os bebês *reborn* sejam investidos de significados relacionados à elaboração simbólica de

perdas, ausências ou frustrações, funcionando como suportes materiais para a expressão de afetos e lembranças.

Em determinadas circunstâncias, o bebê *reborn* pode ser interpretado como um suporte simbólico de uma perda não elaborada, tais como luto, infertilidade, solidão ou abandono. A partir das reflexões de Freud (1917), é possível hipotetizar que o objeto funcione, em alguns casos, como depositário de investimentos afetivos intensos relacionados a ausências significativas. Nessa perspectiva, o vínculo estabelecido com o *reborn* poderia contribuir para a manutenção simbólica da presença de um objeto perdido, atenuando sentimentos associados à falta e à separação.

Conforme Freud (1917) e Lacan (1995), a fantasia desempenha papel estruturante na constituição da subjetividade, organizando desejos, expectativas e formas de relação com o mundo. O bebê *reborn* pode tornar-se um fetiche e/ou uma fantasia inconsciente, permitindo ao sujeito um pseudo refúgio em uma fantasia da existência de um ser *reborn*, estabelecendo um cuidado perfeito a esse objeto, investido de desejo, possibilitando ao sujeito habitar uma fantasia alentadora, ainda que desvinculada da realidade (Freud, 1917; Lacan, 1995).

Assim, o importante não é o objeto em si, mas a função psíquica que ele desempenha. Para Lacan (1995), o que está em questão é o que esse bebê representa, ou que espécie de falta ele tenta tampar? Qual lugar ocupa na relação com o desejo e com o Outro? O objeto pode funcionar como um suporte imaginário para representação de uma perda ou um sofrimento.

Neste sentido, outra dimensão que merece ser evidenciada refere-se à utilização dos bebês *reborn* em contextos associados ao sofrimento psíquico. Reportagens jornalísticas, relatos divulgados em redes sociais e alguns usos terapêuticos relatados publicamente indicam que esses objetos podem adquirir significados particulares para indivíduos que vivenciam experiências de luto, solidão, perda, frustração ou vulnerabilidade emocional. Evidentemente, não se deve reduzir o fenômeno *reborn* à questão patológica, tampouco generalizar interpretações clínicas aos seus usuários. Contudo, a psicanálise oferece conceitos que permitem refletir sobre determinados investimentos subjetivos dirigidos a esses objetos.

Nessa perspectiva, três mecanismos se apresentam: a identificação regressiva, as relações objetais inanimadas e a função da fantasia na organização da vida psíquica. A identificação regressiva pode ser compreendida como uma retomada imaginária de posições subjetivas associadas ao cuidado, à posição de mãe ou cuidador ideal, sem ameaças de rejeição. As teorias das relações objetais também oferecem elementos para a compreensão do fenômeno. Sob essa ótica, o bebê *reborn* pode funcionar como suporte de investimentos afetivos dirigidos a um objeto que simbolicamente representa presença, acolhimento ou vínculo.

A teoria psicanalítica oferece importantes contribuições para a compreensão das dimensões subjetivas envolvidas no fenômeno *reborn*. Para Jacques Lacan (1998), os registros do Imaginário, Simbólico e Real estruturam o sujeito. Sob essa perspectiva, os bebês *reborn* podem ser interpretados como objetos fortemente inscritos no campo do Imaginário, uma vez que se apresentam como imagens idealizadas da infância e do cuidado, trata-se de uma *imago* idealizada do bebê, que não chora, não exige, não falta. Diferentemente do bebê real, marcado pela imprevisibilidade, pela demanda e pela alteridade, o *reborn* configura uma representação cuidadosamente construída, passível de controle e projeção por parte do sujeito.

Nessa direção, a leitura lacaniana permite compreender o fenômeno como expressão de formas contemporâneas de investimento em imagens idealizadas do cuidado e da parentalidade. A partir das ideias de Lacan (1988), podemos dizer que o *reborn* reforça uma ilusão de completude narcísica, onde o Outro não perturba, apenas confirma o Eu. No campo do Simbólico, há uma rejeição: o *reborn* não fala, não demanda, não introduz o sujeito na linguagem ou na alteridade real. O objeto *reborn* não interpela o sujeito por meio da linguagem, não formula demandas próprias e não introduz as tensões inerentes ao encontro com a alteridade. Sua presença tende a permanecer circunscrita ao universo das projeções imaginárias, possibilitando experiências afetivas marcadas por elevado grau de controle e previsibilidade.

Diferentemente das relações interpessoais, marcadas pela reciprocidade e pela imprevisibilidade, a relação com o objeto permanece inteiramente subordinada às projeções e expectativas do sujeito. Para Lacan (1995), a fantasia não representa uma simples ilusão, mas uma estrutura fundamental por meio da qual o sujeito organiza seu desejo e atribui sentido à realidade. Nessa perspectiva, o bebê *reborn* pode operar como um objeto investido de significados imaginários que permitem ao sujeito elaborar desejos, ausências, expectativas e identificações. O interesse analítico não consiste em patologizar essas experiências, mas em compreender os modos pelos quais determinados objetos passam a ocupar posições relevantes na vida psíquica dos indivíduos.

Da mesma forma, conceitos como *fantasia* e *idealização* podem contribuir para compreender o modo como determinados sujeitos estabelecem vínculos simbólicos com esses objetos. Para a psicanálise, a fantasia não constitui necessariamente uma fuga da realidade, mas um elemento estruturante da vida psíquica, por meio do qual os indivíduos organizam seus desejos, afetos e representações. Nesse sentido, o bebê *reborn* pode funcionar como suporte para fantasias relacionadas ao cuidado, à maternidade, à paternidade ou à experiência de pertencimento.

Nessa perspectiva, o bebê *reborn* pode ser compreendido como um objeto privilegiado para refletir sobre as tensões contemporâneas entre fantasia e realidade, presença e ausência, cuidado e simulacro. Mais do que um simples artefato material, ele evidencia processos culturais e subjetivos relacionados à busca por formas de afeto, reconhecimento e pertencimento em uma sociedade caracterizada pela crescente mercantilização das emoções e pela transformação das experiências relacionais.

2.3 Educação e Formação Humana para a Resistência à Representação Imaginária

A formação humana constitui-se de um processo antropológico biopsicossocial. Trata-se de uma construção permanente que ocorre em contextos territoriais, ambientais e culturais específicos, por isso plural. Embora as formas de socialização variem significativamente ao longo da história e entre diferentes culturas, a constituição do ser humano está associada a dimensões fundamentais da vida coletiva, como o cuidado, a proteção, a nutrição, a comunicação e o estabelecimento de vínculos sociais.

Desde os primeiros momentos da existência, o sujeito é introduzido no mundo por meio da relação com os outros. É a partir das experiências de cuidado, acolhimento, linguagem e convivência que se constituem as bases da subjetividade e da inserção social. Nesse sentido, Timothy Ingold (2010) argumenta que a formação humana ocorre por meio do envolvimento contínuo com o ambiente, com a cultura e com os demais sujeitos, a “formação por envolvimento”. O ambiente e a cultura envolvem-se em um processo único, inseparável. Para o autor, aprender não significa apenas receber informações ou reproduzir conhecimentos previamente estabelecidos, mas participar ativamente de um mundo compartilhado, construindo sentidos a partir das relações vividas junto aos outros.

Sob essa perspectiva, o cuidado assume papel central nos processos formativos. Essa compreensão aproxima-se das reflexões desenvolvidas por Paulo Freire (1996) e Nel Noddings (2003), para os quais o cuidado possui uma dimensão ética inseparável da responsabilidade, da empatia, do reconhecimento e do compromisso com o outro. Para ambos os autores, o cuidado não se reduz a um ato técnico nem a uma representação simbólica, mas constitui uma prática relacional fundada no encontro entre sujeitos e na abertura à alteridade. Assim, diante de situações de simulação do afeto, é urgente pensar, no contexto das sociedades contemporâneas, propostas educativas que possibilitem o exercício do cuidado genuíno, que façam a crítica ao simulacro e que resgatem o valor do vínculo real, da corporeidade, da empatia e da conexão verdadeira.

A abordagem dessa problemática revela-se relevante para o campo da educação humanizadora, uma vez que a estética do simulacro impõe desafios significativos aos processos de formação humana. A constituição dos sujeitos pressupõe o encontro com a alteridade, com a diversidade (sujeitos plurais onde o normal é ser diferente), onde se explicitam as experiências das confluências, concordâncias e dos conflitos e da participação em experiências sociais marcadas tanto por convergências quanto por conflitos. Logo, a aceitação dialética da imprevisibilidade, da incompletude do outro e suas necessidades e da dinâmica das trocas é preceito fundamental das relações humanas para sua formação social.

Para Freire (1996), o cuidado ético pressupõe a amorosidade, compreendida não como afeto sentimental, senão que uma postura ética e política diante do outro. Amar, nessa perspectiva, significa reconhecer no educando um sujeito onto-epistêmico (de dignidade do ser e do saber), acolhendo-os como portadores de saberes, experiências e capacidades próprias. O diálogo torna-se, assim, condição fundamental para o reconhecimento mútuo e para a construção de relações educativas emancipatórias.

Em perspectiva convergente, Nel Noddings (2003) afirma que o cuidado autêntico emerge da relação entre o que cuida (*one-caring*) e aquele que é cuidado (*cared-for*). Para a autora, o cuidado constitui uma experiência relacional que pressupõe reconhecimento, receptividade e resposta por parte dos envolvidos. Não se trata, portanto, de um ato unilateral, mas de uma dinâmica intersubjetiva construída na reciprocidade de fazimento de ambos.

As contribuições de Maurice Merleau-Ponty ([1945] 2018), ao insistir na centralidade do corpo como base da percepção e da intersubjetividade, oferece uma chave filosófica analítica relevante: o outro é sentido e vivido corporalmente, pulsante e não simulado por meio de objetos inertes. A experiência educativa, nessa perspectiva, exige presença, sensibilidade encontro, convivência, escuta e abertura à alteridade e reciprocidade. A formação humana ocorre no âmbito das relações concretas, nas quais os sujeitos compartilham experiências, afetos, conflitos e aprendizagens. Desse modo, para o filósofo, (2018), a educação precisa formar para a convivência com o outro real (biológico, imperfeito, demandante, imprevisível) e não para a substituição simbólica por objetos inanimados e idealizados.

Essa reflexão encontra ressonância na filosofia do diálogo de Martin Buber (2001). O autor distingue duas formas distintas de relação: o Eu-Tu, caracterizada pelo encontro veraz, recíproco entre sujeitos, e a relação é o Eu-Isso, marcada pela objetificação e pela instrumentalização. Na relação Eu-Tu, o outro é reconhecido em sua singularidade e plenitude, constituindo condição para a própria realização humana. A existência autêntica emerge precisamente da abertura ao encontro e da disposição para acolher a alteridade.

Seguindo o pensamento de Buber (2001), o que se pode inferir a partir da moda *reborn* pode ser interpretado como expressão de relações que tendem a aproximar-se da lógica do Eu-Isso. O bebê *reborn* apresenta-se como um objeto investido de significados afetivos, mas destituído da capacidade de responder, interpelar ou transformar o sujeito por meio da reciprocidade. Nessa perspectiva, o fenômeno convida à reflexão sobre os limites e as possibilidades das formas contemporâneas de cuidado infantil, bem como sobre os desafios de preservar experiências fundadas no encontro com a alteridade em uma cultura crescentemente marcada por simulacros, mediações tecnológicas reguladas à distância e relações orientadas pelo monitoramento, pela previsibilidade e pelo controle.

3 CONSIDERAÇÕES

A análise desenvolvida ao longo deste breve ensaio sugere que a moda *reborn* não pode ser entendida apenas como um fenômeno estético, afetivo ou mercadológico, embora também esteja inserida em circuitos econômicos que movimentam recursos expressivos e mobilizam diferentes segmentos sociais. Mais do que um objeto de consumo, o fenômeno pode ser interpretado como uma manifestação cultural reveladora de transformações mais amplas nas formas contemporâneas de vivenciar o cuidado, os afetos, a infância e a alteridade.

No contexto brasileiro, a expansão do fenômeno convida à reflexão crítica, sobretudo no campo da educação e da formação humana. Afinal, a constituição dos sujeitos ocorre por meio do encontro com o outro, da convivência com a diferença, da experiência da reciprocidade e da participação em processos sociais marcados por incertezas, conflitos, negociações e aprendizagens mútuas. É precisamente nesse terreno da alteridade que se desenvolvem as bases éticas, afetivas e formativas tanto da vida individual quanto da vida coletiva. Em tempos de hiper-realidade, educar para o real é, mais do que nunca, um gesto de resistência ético-ontológica quanto à dimensão de compreender que o ser do(s) humano(s) é e faz-se com os outros.

Trata-se, ainda uma resistência ético-pedagógica e ético-epistêmica, pois toda relação exige seu reconhecimento e descoberta. Aprendemos por meio da existência, das ações e das reações do outro, assim como o outro, ao mesmo tempo em que também somos conhecidos e desvendados por ele, estabelecendo vínculos e conexões que participam da constituição de nossa humanidade. É na reciprocidade dessas relações que nos construímos enquanto sujeitos humanos. Promover práticas educativas que questionem os simulacros, valorizem o cuidado

ético e contribuam para a formação de sujeitos capazes de enfrentar a complexidade da existência humana constitui um dos grandes desafios de nosso tempo.

Há possibilidades de resistência à pedagogia do afeto estetizado, característico da cultura capitalista contemporânea orientada pela mercantilização generalizada da existência. Nessa perspectiva, busca-se recuperar a formação humana em sua potência ética, relacional e transformadora, constituída no encontro autêntico com a alteridade e na abertura às experiências imprevisíveis que marcam a condição humana.

REFERÊNCIAS

ANDREJEVIC, Mark. **Reality TV: the work of being watched**. New York: New York University Press, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

FORBES BRASIL. Milhões em vendas e itens raros: 5 curiosidades sobre o mercado de bebês reborn. Forbes Tech, São Paulo, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2025/04/milhoes-em-vendas-e-itens-raros-5-curiosidades-sobre-o-mercado-de-bebes-reborn/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 12: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1915-1917). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 21: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 149-160.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARVARD ART MUSEUMS. **Doll or dancing woman with articulated limbs**. Cambridge: Harvard Art Museums, 2025. Disponível em: <https://hvrd.art/o/292002>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **A salvação da alma moderna:** terapia, emoções e a cultura da autoajuda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. Tradução de Inês Assunção de Castro Teixeira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 27-38, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/zKY6rq9pKvW7mvQLmBz5hDw/>. Acesso em: 21 maio 2025.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4:** a relação de objeto (1956-1957). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10:** a angústia (1962-1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEVIN, Esteban. **Rumo a uma infância virtual:** a imagem corporal sem corpo. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo:** viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

NODDINGS, Nel. **Caring:** a feminine approach to ethics and moral education. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2003.